

**ASTÉRIX E OS PRONOMES SUJEITOS:
UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DO EMPREGO
DOS PRONOMES SUJEITOS NO PORTUGUÊS
EUROPEU E BRASILEIRO**

Carmen Widera

Georg A. Kaiser

**ASTÉRIX E OS PRONOMES SUJEITOS:
UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DO EMPREGO DOS PRONOMES
SUJEITOS NO PORTUGUÊS EUROPEU E BRASILEIRO¹**

Carmen Widera

Georg A. Kaiser

(Universität Konstanz)

Resumo

Este texto discute o uso dos pronomes sujeitos no português europeu e brasileiro. Mais especificamente, a investigação aqui apresentada centra-se sobre a hipótese de o PB ser uma língua de sujeito nulo parcial. A metodologia utilizada consiste na investigação dum texto paralelo, concretamente duas traduções das bandas desenhadas de *Astérix* em PE e PB, e na comparação das ocorrências de sujeitos nas duas variedades. A análise revela, geralmente, um uso mais frequente e menos restrito dos pronomes sujeitos no PB do que no PE. No conjunto, mostra que o PB não cumpre todas as características duma língua *pro*-drop parcial.

Palavras-chave

Texto paralelo, estudo comparativo, sujeitos nulos, língua *pro*-drop parcial, português europeu, português brasileiro.

Abstract

The paper discusses the use of subject pronouns in European and Brazilian Portuguese. More precisely, the analysis presented here focuses on the hypothesis of PB being a partial null subject language. The methodology used consists in the investigation of a parallel text, concretely two translations of the *Asterix* comic into EP and BP, and in the comparison of the subject occurrences in the two varieties. The analysis reveals, generally speaking, a more frequent and less restricted use of subject pronouns in BP compared to EP, showing altogether that BP does not fulfil all the characteristics of a partial null subject language.

Keywords

Parallel text, comparative study, null subjects, partial *pro*-drop language, European Portuguese, Brazilian Portuguese.

¹ Agradecemos aos organizadores do Congresso Internacional em Variação Linguística nas Línguas Românicas e aos participantes da sessão pelos comentários. Agradecemos muito a Ernestina Carrilho e André Nicolau pelos comentários úteis e pela revisão do texto.

1. INTRODUÇÃO

No geral, o português é considerado uma língua de sujeito nulo. Isso significa que, nesta língua, a omissão do sujeito representa o caso normal e o emprego do pronome sujeito é limitado a contextos restritos. Essa característica é tradicionalmente explicada por uma morfologia verbal rica que supostamente substitui o uso dos pronomes sujeitos (Cunha & Cintra, 2008, p. 296). Todavia, observam-se diferenças entre o português brasileiro (doravante PB) e o português europeu (doravante PE) ou melhor, observam-se algumas mudanças no PB em relação ao uso dos pronomes sujeitos em comparação com o PE. Uma dessas mudanças consiste no crescente emprego dos pronomes sujeitos e no enfraquecimento da morfologia verbal (Duarte, 1993, 2000; Barme, 2001). Por causa dessas alterações, vários autores afirmam que o PB está a perder a sua propriedade de permitir sujeitos nulos ou consideram o PB uma língua de sujeito nulo parcial, apresentando características típicas das línguas de sujeito nulo parciais (Kato, 2000; Figueiredo Silva, 2000; Holmberg, Nayudu, & Sheehan, 2009; Holmberg, 2010; Lobo & Martins, 2017). Outros estudos (empíricos), contudo, não partilham essa conclusão destacando o facto de que a maioria das características de uma língua de sujeito nulo não-parcial ainda pode ser observada no PB (Meyer-Hermann, 1998; Kaiser, 2006, 2009; Thielemann, 2009; Pöll, 2015). Sendo a hipótese do estatuto do PB controversa, o estudo comparativo aqui apresentado procura investigar as características em questão por meio duma pesquisa do texto paralelo das traduções do primeiro volume de *Astérix*.

A seguir a esta breve introdução, a secção 2 apresenta o texto paralelo e as vantagens e desvantagens dele, assim como a metodologia utilizada pela análise contrastiva. A secção 3 resume a literatura sobre as diferenças no uso dos pronomes sujeitos no PE e PB e sobre o estatuto do PB como língua de sujeito nulo parcial, com foco particular nas supostas características específicas do PB. A análise de um *corpus* de textos paralelos, consistindo em traduções em PE e em PB do primeiro volume da banda desenhada *Astérix*, verifica, na secção 4, estas características.

2. METODOLOGIA

A comparação das traduções do mesmo texto em línguas diferentes, designadas textos paralelos, tem várias vantagens para um estudo comparativo (cf. McEnery & Xiao, 2007; Stolz, 2007; Wälchli, 2007, Kaiser, 2015). Os textos paralelos oferecem dados quantitativos que são verdadeiramente comparáveis, porque, geralmente, pertencem ao mesmo género de texto e o conteúdo e o contexto linguístico são idênticos. Além disso, o registo linguístico é o mesmo e

a estrutura das orações é mais ou menos idêntica. A utilização dum texto paralelo para uma investigação tipológica permite, portanto, analisar um fenómeno linguístico, como o emprego dos pronomes sujeitos, em duas ou mais línguas no mesmo contexto de discurso e descobrir diferenças. Assim é mesmo possível detetar particularidades numa língua que não se detetam num texto monolíngue (McEnery & Xiao, 2007, p. 131).

Como texto paralelo escolhemos as traduções do primeiro volume da banda desenhada de *Astérix*. É um texto para o qual existem traduções tanto no PE como no PB. Outra vantagem da banda desenhada de *Astérix* consiste no facto de que a maior parte está escrita em discurso direto em forma de balões de texto com muitos elementos da língua falada e coloquial (Schwarz 2004, p. 676). Porém, não se deve ignorar que se trata de uma língua escrita e planeada. Não temos assim a certeza de que todas as características da língua falada estejam representadas. Além disso, temos de recordar que os textos são traduções e podem conter erros da tradução ou sofrer de *translationese* (cf. Baker, 1993). Quer dizer que os textos contêm influências do texto original ou numa outra tradução e não são autênticos, por exemplo, devido a traduções demasiado literais. Wälchli (2007, p.119) acrescenta que a resposta a se uma construção ocorre numa língua não pode ser negativa mesmo que esta construção não apareça no texto analisado. Apesar disso, ainda que tenhamos estes problemas em conta, os textos paralelos e, em particular, as bandas desenhadas de *Astérix* revelam-se adequadas para um estudo comparativo.

As versões utilizadas são duas traduções portuguesas do texto original francês *Astérix le Gaulois* de René Goscinny e de Albert Uderzo, publicado em 1961. Para a análise do PE utilizamos a 5ª edição de *Astérix o gaulês* publicado em 2011 e traduzida por Catherine Labey e Maria José Magalhães. A análise do PB baseia-se na 11ª edição de *Astérix o gaulês* publicado em 2010 e traduzida por Tânia Calmon.

Na pesquisa unicamente incluímos o discurso direto e as orações com verbo na forma finita. Obtivemos assim 766 e 739 ocorrências de verbos na forma finita, respetivamente no PE e no PB. Atribuímos as orações da versão europeia às orações em PB com o auxílio dos balões de texto. Finalmente, seguindo a classificação de Duarte & Figueiredo Silva (2016, p. 238) codificamos os sujeitos de todas estas formas verbais com três características em cada língua, o sujeito morfossintático, o sujeito semântico e a realização do sujeito. Na tabela 1 é exibido um exemplo que ilustra a codificação utilizada:

Tabela 1. Exemplo da codificação utilizada

ID	PE	sintático	morfos- semântico	realizado	PB	sintático	morfos- semântico	realizado
AST01-26:7 ²	Estás a gozar comigo?!!	2	2	0	Você está zombando de mim?!!!	3	2	<i>você</i>

A partir do exemplo observam-se várias diferenças entre a tradução em PE e esta em PB. Concentramo-nos na comparação do uso do sujeito. Nas duas traduções o sujeito semântico, isto é a pessoa a que se refere, é idêntico, neste caso a segunda pessoa do singular. No entanto, o sujeito morfossintático e a realização distinguem-se. O PE usa a segunda pessoa do singular e um sujeito nulo, enquanto o PB utiliza a terceira pessoa do singular e o pronome *você*.

A seguir faz-se o enquadramento teórico com uma revisão da literatura sobre as diferenças no emprego dos pronomes sujeitos no PE e PB. São também apresentadas as características das línguas de sujeito nulo parciais para permitir a sua verificação no caso do PB.

3. O EMPREGO DOS PRONOMES SUJEITOS NO PE E PB

Tradicionalmente, dividem-se as línguas em dois grupos segundo o uso dos pronomes sujeitos, a saber: em línguas de sujeito nulo e línguas de não-sujeito nulo. No geral, o português é considerado uma língua de sujeito nulo como a maioria das línguas românicas. Isso significa que esta língua permite, em orações finitas, a omissão do sujeito, ou seja, permite sujeitos sem realização fonética, designados sujeitos nulos (Lobo, 2013, p. 2309). Essa característica é tradicionalmente explicada por uma morfologia verbal rica que supostamente substitui o uso dos pronomes sujeitos:

Os pronomes sujeitos *eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa. (Cunha & Cintra, 2008, p. 296)

Cunha & Cintra (2008, pp. 296s) diferenciam entre três contextos que permitem o emprego do pronome sujeito no português:

² Esse ID refere-se a um exemplo no sétimo imagem na página 26 no primeiro volume da banda desenhada de *Astérix* (AST01-26:7).

Emprega-se o pronome sujeito

- a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito
- b) para opor duas pessoas diferentes
- c) quando a forma verbal é comum à 1.^a e à 3.^a pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco.

(Cunha & Cintra, 2008, pp. 296s)

Por outras palavras, a omissão do sujeito representa o caso normal e o emprego do pronome sujeito expresso é limitado a contextos restritos.

Todavia, observam-se diferenças entre o PE e o PB no uso dos pronomes sujeitos e novas abordagens estabelecem uma distinção mais precisa. Assim, o PE é considerado uma língua de sujeito nulo consistente ou canônica com as características descritas acima, enquanto se supõe que o PB está a perder a sua propriedade de permitir sujeitos nulos, considerando-o uma língua de sujeito nulo parcial (cf. Figueiredo Silva, 2000; Holmberg, Nayudu, & Sheehan, 2009; Holmberg, 2010; Duarte & Figueiredo Silva, 2016; Lobo & Martins, 2017). Holmberg, Nayudu, & Sheehan (2009) definem as línguas de sujeito nulo parciais da seguinte maneira, detalhando as condições restritas:

Partial null-subject languages [are] languages which allow null subjects but under more restricted conditions than consistent null-subject languages. (Holmberg, Nayudu, & Sheehan, 2009, p. 1)

A seguir, discutimos as diferenças no emprego dos pronomes sujeitos no PE e PB e, por conseguinte, as características do PB como língua de sujeito nulo parcial.

3.1. O enfraquecimento da morfologia verbal

Uma diferença essencial entre ambas as variedades consiste na variação quanto à morfologia flexional dos verbos. O PE, como língua de sujeito nulo consistente, tem um paradigma flexional rico com desinências verbais distintas para indicar a pessoa a que se refere o predicado e o número gramatical dessa pessoa, como demonstra o exemplo do paradigma do indicativo presente do verbo *cantar*:

Tabela 2. Paradigma flexional do verbo *cantar* no PE (Barme, 2001, p. 52; Kaiser & Alencar, 2019)

Presente indicativo	Português europeu			
1. ^a singular	<i>eu</i>	<i>cant</i>		<i>o</i>
2. ^a singular	<i>tu</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>s</i>
	<i>você</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	-
3. ^a singular	<i>ele/ela</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	-
1. ^a plural	<i>nós</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>mos</i>
	<i>(a gente)</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>(mos/m)</i>
2. ^a plural	<i>vós</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>is</i>
	<i>vocês</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m/is</i>
3. ^a plural	<i>eles/elas</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>m</i>

O PB pelo contrário tem um paradigma flexional menos diferenciado por causa da vasta substituição de *tu* por *você* na segunda pessoa do singular e por causa do emprego frequente de *a gente* em vez de *nós* na primeira pessoa do plural.

Tabela 3. Paradigma flexional do verbo *cantar* no PB (Barme, 2001, pp. 53s; Kaiser & Alencar, 2019)

Presente indicativo	Português brasileiro			
1. ^a singular	<i>eu</i>	<i>cant</i>		<i>o</i>
2. ^a singular	<i>(tu)</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>(s)</i>
	<i>(vo)cê</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	-
3. ^a singular	<i>ele/ela</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	-
1. ^a plural	<i>nós</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>(mos)</i>
	<i>a gente</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	-
2. ^a plural	<i>(vo)cês</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>(m)</i>
3. ^a plural	<i>eles/elas</i>	<i>cant</i>	<i>a</i>	<i>(m)</i>

No geral, a redução da morfologia verbal do PB é considerada uma indicação de que a variedade está a perder a sua propriedade de permitir sujeitos nulos:

No subsistema dos pronomes sujeito (SU) no PB, a alteração mais famosa é o emprego de ‘você’ / ‘a gente’ («você ajuda» / «a gente ajuda»), substituindo as respectivas formas do PE marcadas por flexivo («tu ajudas» / «nós ajudamos»). [...] O que se observa no PB é a passagem do tipo PRO DROP ao tipo não-PRO DROP. (Thielemann, 2009, p. 179)

Embora o enfraquecimento da morfologia verbal do PB frequentemente seja considerada o início da perda da propriedade de permitir sujeitos nulos, Holmberg, Nayudu, & Sheehan (2009, p. 78) supõem que a redução do paradigma flexional não faz parte das características necessárias das línguas de sujeito nulo parciais.

3.2. A frequência do emprego dos pronomes sujeitos

Ao contrário do PE, a variedade do Brasil revela um uso mais frequente dos pronomes sujeitos que não se limita aos contextos de ênfase (contrastiva) ou de desambiguação. Foi Duarte (1993) que detetou nos seus estudos diacrônicos de sete peças de teatro dos séculos XIX e XX um aumento significativo do uso de pronomes sujeitos no PB. Segundo esta pesquisa, a frequência de sujeitos nulos e pronomes de sujeitos plenos quase se inverteu entre 1845 e 1992, resultando num emprego de pronomes sujeitos expressos em 74 % das ocorrências no ano 1992 em comparação com 20 % em 1845 (Duarte, 1993, p. 112). Outros estudos diacrônicos e sincrônicos concordam com estas observações (Tarallo, 1993; Meyer-Hermann, 1998; Lira, 1996 e estudos em Kato & Negrão, 2000 (Eds.)). Essa evolução do PB resulta numa clara diferença de frequência no uso dos pronomes sujeitos entre as variedades europeias e brasileiras contemporâneas. Nos seus dados da língua de proximidade, Barme (2001, p. 173) constatou uma percentagem de pronomes sujeitos plenos de 71 % no PB contra 38 % no PE, confirmando os resultados de Duarte (1993, 2000).

Ademais, Duarte (1993, 2000) analisa o emprego dos pronomes sujeitos mais em detalhe, distinguindo número e pessoa dos sujeitos. Mais precisamente, o crescente emprego dos pronomes sujeitos no PB foi constatado principalmente na primeira e na segunda pessoa. Como mostra Duarte (1993, p. 117), a percentagem da ocorrência dos pronomes nulos da terceira pessoa apenas diminuiu levemente no século XX. Na peça de teatro mais recente, de 1992, Duarte (1993, p. 117) constata percentagens de 82 % e 78 %, respetivamente, do uso dos pronomes plenos na primeira e segunda pessoa, enquanto que a percentagem da terceira pessoa atinge 45%. Esta tendência é confirmada também pelos estudos posteriores de Duarte (cf. Duarte 2000), onde analisando a língua falada detetou percentagens de 74 %, 90 % e 58 % de sujeitos plenos na primeira, segunda e terceira pessoa no PB e 35 %, 24 % e 21 % no PE, respetivamente.³

³ Barbosa, Duarte e Kato (2005) concentram-se na análise da terceira pessoa e constataam, para o PB e o PE, 56 % e 22 % de pronomes sujeitos expressos respetivamente em entrevistas de jornal entre 1999 e 2000 concordando com os resultados de Duarte (1993, 2000).

No âmbito da sua abordagem generativa, Duarte & Figueiredo Silva (2016) concluem mesmo que o PB já não possui a característica [pessoa] no núcleo do ST e portanto exige o emprego dos pronomes da primeira e segunda pessoa:

[...] in EP the Person feature on T is able to identify 1st and 2nd person forms with non-conflicting semantic and syntactic features, hence a pronominal form is not needed for this purpose; on the contrary, when there are conflicting features, the Person feature on T cannot identify the relevant feature of a null subject. In BP, the lack of a person feature on T forces the subject position to be filled with 1st and 2nd person pronouns. (Duarte & Figueiredo Silva, 2016, p. 239)

No entanto, essa conclusão é problemática do ponto de vista empírico. Em vários *corpora* do PB, observa-se a omissão do pronome sujeito da primeira e da segunda pessoa. Embora a taxa da realização seja significativamente mais alta do que no PE, o preenchimento da posição de sujeito não pode ser classificado como obrigatório. O seguinte exemplo de uma entrevista no PB coloquial ilustra claramente que a omissão dos pronomes sujeitos na primeira pessoa é possível e não pode ser chamada agramatical (Kaiser & Alencar, 2019):

- (1) \emptyset Não senti medo porque a gente é muito fechado [...]. Hoje em dia \emptyset não ando assim. Eu gosto de mim, eu gosto do que faço, \emptyset gosto do que \emptyset sou [...]. (Pereira, 2009, p. 116)

Devido a esse desacordo, vamos verificar o emprego dos pronomes sujeitos segundo as pessoas distintas por meio do texto paralelo de *Astérix* na secção 4.2.

3.3. Sujeitos nulos ligados pelo antecedente

Outra característica das línguas de sujeito nulo parciais diz respeito à ligação dos sujeitos nulos. Segundo vários estudos generativos, no PB, um sujeito nulo numa oração subordinada deve ser ligado pelo seu antecedente, ou seja, ocorrer numa posição onde é c-comandado pelo seu antecedente (Holmberg, Nayudu, & Sheehan, 2009, pp. 60s; Holmberg, 2010, pp. 91s; Camacho, 2013, pp. 36s; Duarte & Figueiredo Silva, 2016, pp. 239s). Holmberg (2010, p. 91) resume a consequente diferença entre o PB como língua de sujeito nulo parcial e o PE como língua de sujeito nulo consistente da seguinte maneira:

There are contexts where null subjects are optional in partial NSLs but obligatory in consistent NSLs, and contexts where they are excluded in partial NSLs but allowed in consistent NSLs.

Mais precisamente, Holmberg (2010, pp. 91s) supõe que, quando o sujeito é ligado por um antecedente como em (2a) e (3a), o PB tem a possibilidade de omitir o pronome sujeito, ou seja, o sujeito pode ser opcionalmente nulo. No PE pelo contrário, neste caso, o sujeito tem de ser obrigatoriamente nulo a não ser que a pragmática permita o uso do pronome sujeito expresso. Nos contextos nos quais o sujeito não está ligado por um antecedente como em (2b) e (3b), o sujeito nulo é excluído no PB, ou seja, o sujeito deve ser realizado como pronome pleno. Contudo, isso não é verificado no PE, onde nesse caso o sujeito normalmente é nulo:

(2) Português brasileiro:

- (a) **O João_i** disse que **ele_i** / **ø_i** vai comprar um carro.
- (b) ***O João_i** não disse nada, mas o Paulo disse que **ø_i** vai comprar um carro.

(3) Português europeu:

- (a) #**O João_i** disse que **ele_i** vai comprar um carro.
- (b) **O João_i** não disse nada, mas o Paulo disse que **ø_i** vai comprar um carro.

3.4. Sujeitos nulos genéricos

Outro contexto no qual as línguas de sujeito nulo parciais se distinguem das línguas de sujeito nulo consistentes concentra-se nos sujeitos genéricos que correspondem ao pronome ‘one’ em inglês ou ‘man’ em alemão. Nota-se que em ambas as variedades do português o sujeito genérico é obrigatoriamente nulo, mas somente o PE, e não o PB, exige o uso do pronome *se* que permite a interpretação genérica (Holmberg, Nayudu, & Sheenan, 2009, pp. 62s):

(4) Português brasileiro:

- (a) É assim que **ø** faz o doce.
- (b) Nesse hotel **ø** não pode entrar na piscina bêbado.

(5) Português europeu:

- (a) É assim que **ø se** faz o doce.
- (b) Nesse hotel **ø não se** pode entrar na piscina bêbado.

Em relação ao pronome *se*, é controverso se se trata do próprio pronome genérico *se* ou se licencia um pronome nulo genérico. De qualquer forma, um sujeito nulo genérico simples não é possível no PE.

3.5. Sujeitos nulos expletivos

Outra característica das línguas de sujeito nulo parciais é a falta obrigatória de sujeitos expletivos. Essa falta representa também uma – ou a – característica típica das línguas de sujeito nulo consistentes (Haider, 2001; Hinzelin & Kaiser, 2007; Veenstra, 2008). Em relação a esta característica, as duas variedades do português mostram um comportamento similar (Duarte & Figueiredo Silva, 2016, p. 243):

(6) Português europeu e brasileiro:

- (a) \emptyset choveu toda a noite.
- (b) \emptyset parece que o professor vai chegar atrasado.

Não obstante, em variedades não padrão do PE pode-se observar o uso do pronome *ele* em construções impessoais:

(7) Português europeu não padrão:

- (a) Ele choveu toda a noite. (Mateus et al., 2003, p. 283)
- (b) Ele parece que o comboio está atrasado! (Lobo, 2013, p. 2314)

Há uma grande controvérsia sobre o estatuto e a função do pronome *ele* nessas construções (cf., por exemplo, Corr, 2015; Pöll, 2015). Tradicionalmente considerado como pronome expletivo que “funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il (il y a)*” (Cunha & Cintra, 2008, p. 296), tem sido argumentado recentemente que não se trata de um pronome expletivo, mas sim de um elemento discursivo associado com manifestações de força ilocutória. Carrilho (2005, 2009) mostra que o expletivo *ele* do PE não padrão tem uma distribuição sintática diferente e efeitos discursivos diferentes dos expletivos das línguas de sujeito obrigatório. O pronome *ele* pode, por exemplo, ocupar posições periféricas à esquerda de sujeitos pré-verbais ou de constituintes periféricos. Esse comportamento sugere que o pronome *ele* não é expletivo e que, por conseguinte, a sua ocorrência não contraria a classificação do PE como língua de sujeito nulo consistente. No PB pelo contrário, essas construções impessoais com *ele* parecem ser impossíveis (cf. Kato, 1999, p. 5; Figueiredo Silva, 2000, p. 130).

4. RESULTADOS DO ESTUDO COMPARATIVO

Nas secções seguintes verificamos, com base no texto paralelo de *Astérix* detalhadamente as diferenças entre o PE e o PB observadas no capítulo anterior em relação ao

uso dos pronomes sujeitos. A este respeito, seguimos a ordem do capítulo anterior, centrando-nos na redução da morfologia verbal no PB, na frequência do emprego dos pronomes sujeitos segundo as pessoas diferentes, na possibilidade de sujeitos nulos (não) ligados por um antecedente e na ocorrência de sujeitos nulos genéricos e expletivos.

4.1. O enfraquecimento da morfologia verbal

Tal como acima descrito, a maior diferença entre os paradigmas flexionais das duas variedades do português consiste na substituição de *tu* por *você* na segunda pessoa do singular e no emprego de *a gente* em vez de *nós* na primeira pessoa do plural no PB. A análise do texto paralelo de *Astérix* só confirma em parte este enfraquecimento da morfologia verbal do PB, ou seja, apenas na segunda pessoa semântica do singular e não na primeira pessoa semântica do plural.

Tabela 4. Distribuição das ocorrências para referir à 2.^a pessoa do singular e à 1.^a pessoa do plural em PE e PB

Pessoa semântica	Pessoa morfossintática	PE	PB
2. ^a sg.	2. ^a sg. (<i>tu</i> , \emptyset)	93 %	2 %
	3. ^a sg. (<i>você</i> , \emptyset)	7 %	98 %
1. ^a pl.	1. ^a pl. (<i>nós</i> , \emptyset)	100 %	98 %
	3. ^a sg. (<i>a gente</i>)	0 %	2 %

Como indicado na tabela 4, para referir-se à segunda pessoa do singular o PE utiliza em 93 % das ocorrências a segunda pessoa do singular do verbo, com ou sem o pronome sujeito *tu*, enquanto no PB se usa quase sempre a terceira pessoa do singular do verbo com ou sem o pronome pleno *você*. Os únicos dois exemplos do uso da segunda pessoa morfossintática do singular no PB consistem no uso do imperativo do verbo *dar* (8). Nestes exemplos poderia tratar-se de uma influência da tradução do texto original em francês que também utiliza a segunda pessoa do singular no imperativo:

(8) PB: Dá!

FR: Donne!

(AST01-33:6c, AST01-34:5b)

Por conseguinte, a substituição de *tu* por *você* na segunda pessoa do singular confirma-se quase por completo. Na primeira pessoa do plural, porém, as duas variedades do português não se distinguem significativamente. Enquanto o PE sempre utiliza a primeira pessoa do plural, sem ou com o pronome expresso *nós*, para referir-se à primeira pessoa do plural, o PB desvia-

-se desse emprego apenas em duas ocorrências, quando se usa a forma *a gente* com a terceira pessoa morfossintática do singular:

- (9) PE: E se os reanimássemos para recomeçar?
 PB: Vamos reanimá-los? Daí **a gente** recomeça...
 FR: Si on les ranimait, pour recommencer? (AST01-13:4b)
- (10) PE: O que é que vamos fazer?
 PB: O que **a gente** vai fazer?
 FR: Qu'allons-nous faire? (AST01-19:6c)

Saliente-se que, no exemplo (9) do PB, ambas as formas são utilizadas num único balão de texto. A versão brasileira recorre à forma *a gente* para transferir a oração final infinitiva do texto original que a versão europeia traduz literalmente. É de notar que nesses dois exemplos a influência do texto francês não serve como explicação adequada. De facto, realiza-se na língua francesa uma substituição da primeira pessoa morfossintática do plural e do pronome *nous* pela terceira pessoa morfossintática do singular e pelo pronome *on*, parecida com a alteração observada no PB. A primeira parte da frase francesa em (9), que contem o pronome *on*, corresponde, no entanto, à tradução em PB usando a primeira pessoa do plural. Da mesma forma, a frase original em francês do exemplo (10) não pode explicar a tradução brasileira com *a gente* porque utiliza a primeira pessoa do plural com *nous*. No conjunto, enquanto o francês utiliza frequentemente a terceira pessoa do singular com o pronome *on*, uma forma comparável a *a gente*, o PB quase não recorre a esta opção. Com exceção das duas ocorrências de *a gente*, o PB mantém a morfologia de primeira pessoa do plural.

Em resumo, no texto paralelo de *Astérix*, o enfraquecimento da morfologia verbal do PB somente pode ser confirmado na segunda pessoa do singular e não se observe na primeira pessoa do plural. Além da substituição de *tu* por *você* e de *nós* por *a gente*, não estão atestadas todas as formas verbais de enfraquecimento morfológico, como o uso dos pronomes *nós* e *tu* com o verbo na terceira pessoa do singular. Lembramo-nos, todavia, que embora a redução da morfologia verbal do PB muitas vezes seja considerada o início da perda da propriedade de permitir sujeitos nulos, não se trata duma característica necessária das línguas de sujeito nulo parciais segundo Holmberg, Nayudu, & Sheehan (2009, p. 78).

4.2. A frequência do emprego dos pronomes sujeitos

Nesta secção verificamos o emprego alegadamente mais frequente dos pronomes sujeitos plenos e o menos frequente dos sujeitos nulos em PB com base no *corpus* de *Astérix*, olhando em primeiro lugar para as ocorrências no conjunto e em seguida para as diferentes pessoas isoladas. Quando restringimos a análise dos sujeitos aos sujeitos nulos e pronomes pessoais plenos, subtraindo as ocorrências no modo do imperativo⁴, obtemos a distribuição seguinte apresentada no gráfico 1:

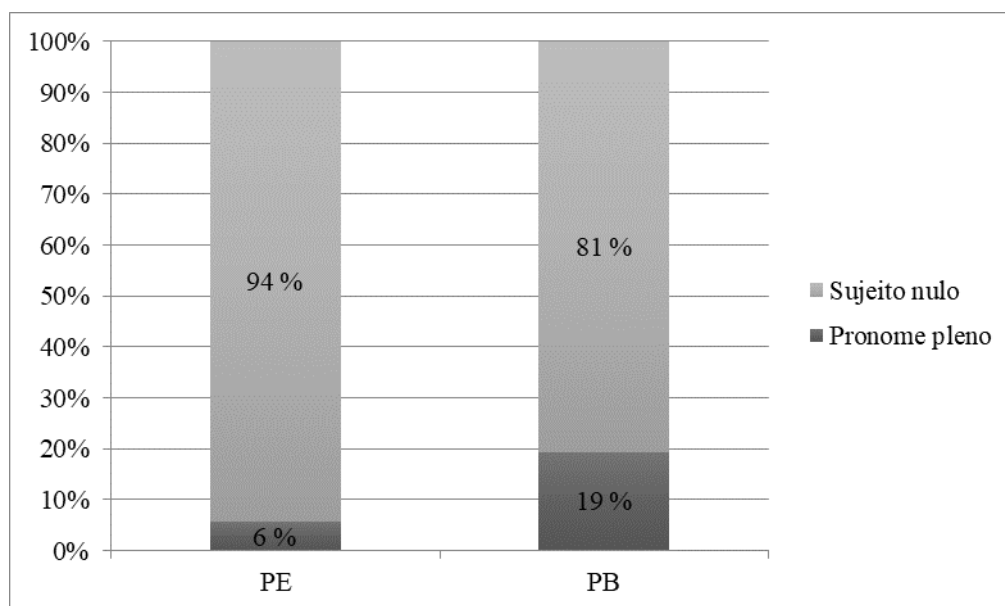


Gráfico 1. Ocorrências dos pronomes sujeitos em PE e PB no *Astérix*

Esta distribuição surpreende em dois aspetos. Primeiro, com 94 % observamos no PE uma quantidade de sujeitos nulos superior em comparação com o estudo de Duarte (2000) ou o de Barne (2001), que relata 62 % de sujeitos nulos no “PE de proximidade”. Segundo, os dados do PB revelam também uma percentagem de sujeitos nulos bastante elevada (81 %). Embora constatem menos sujeitos nulos em comparação com o PE, a diferença é consideravelmente menor do que previsto. Constatamos uma taxa de sujeitos nulos de 81 % no PB enquanto Duarte (1993) e Barne (2001) indicam 26 % e 29 % respetivamente. Portanto, o emprego significativamente mais frequente dos pronomes sujeitos expressos no PB não se confirma nas traduções da banda desenhada de *Astérix*. Para analisar a discrepância marcante entre o emprego

⁴ Uma particularidade linguística do texto de *Astérix* consiste no uso frequente do modo imperativo. 12% de todos os verbos finitos utilizam-se no imperativo. Como os imperativos normalmente não permitem o emprego de um sujeito expresso, excluímo-los da análise comparativa.

observado e previsto, verificamos a seguir em detalhe a distribuição diferenciada segundo cada pessoa semântica.

No que diz respeito à primeira pessoa esperamos, segundo a literatura, um emprego mais frequente do pronome sujeito expresso no PB do que no PE (Duarte, 1993, 2000), ou seja, casos frequentes nos quais o sujeito é omitido na tradução para PE enquanto na tradução brasileira se usa *eu*, *nos* ou *a gente*. Nos dados da primeira pessoa do singular porém, este caso, ilustrado em (11), só ocorre em 6 % dos casos. A grande maioria dos casos, com 91 %, consiste no uso do sujeito nulo em ambas as traduções, como visto em (12). Observam-se até 3 % do caso contrário, nos quais o PB omite o sujeito enquanto o PE utiliza o pronome *eu*, conforme mostrado em (13).

- (11) PE: Isso \emptyset não sei ...
PB: Isso **eu** não sei ... (AST01-23:1c)
- (12) PE: \emptyset Sinto-me tão fraquinho ...
PB: \emptyset Estou me sentindo tão fraquinho ... (AST01-10:7b)
- (13) PE: Pois. É mesmo destes que **eu** preciso.
PB: É, é mesmo desses que \emptyset preciso. (AST01-33:11b)

A respeito da primeira pessoa do singular, a afirmação de que o pronome sujeito se usa mais no PB não pode ser confirmada pelo texto paralelo analisado. A mesma observação pode ser feita para a primeira pessoa do plural. Aqui também a grande maioria dos casos é constituída pelo uso do sujeito nulo nas duas variedades, concretamente em 95 % dos casos (14). Apenas em 3 % das ocorrências o PE omite o sujeito enquanto o PB utiliza um pronome pleno, seja o pronome *nos* (15), seja a forma *a gente* (veja-se o exemplo (10), repetido abaixo). Também encontramos um exemplo no qual no PE se usa um pronome enquanto no PB se omite. Veja exemplo em (16).

- (14) PE: \emptyset Temos de obter a receita da poção do druida!
PB: \emptyset Precisamos arrancar do druida a receita dessa poção! (AST01-27:8a)
- (15) PE: Há horas que \emptyset te torturamos e é como se não te fizéssemos nada!
PB: **Nós** o torturamos há horas e isso não faz menor diferença para você! (AST01-24:3c)
- (10) PE: O que é que \emptyset vamos fazer?
PB: O que **a gente** vai fazer? (AST01-19:6c)

(16) PE: E **nós** vamos divertir-nos à custa deles.

PB: \emptyset Vamos nos divertir à custa deles ...

(AST01-28:10c)

Tabela 6. Comparação do emprego dos pronomes sujeitos plenos no PE e no PB na 1.^a pessoa (singular e plural)

Dados de	PE	PB
Duarte 1993	-	82 %
Duarte 2000	35 %	74 %
<i>Astérix</i>	9 %	11 %

A Tabela 6 compara o número dos pronomes sujeitos plenos utilizados na primeira pessoa em *Astérix* com os números equivalentes encontrados nos estudos de Duarte (1993, 2000). Constatamos por um lado que o emprego dum pronome nas traduções de *Astérix* é significativamente menos frequente do que nos estudos de Duarte (1993, 2000), tanto no PE como no PB. Por outro lado, não se confirma a grande diferença entre as duas variedades observada nos estudos de Duarte (2000).

Conforme Duarte (1993, 2000), preveríamos também um uso mais frequente do pronome sujeito pleno na segunda pessoa semântica no PB. Ao contrário da primeira pessoa semântica, constatamos de facto uma preferência pelo emprego do pronome na segunda pessoa semântica do singular no PB. Na maioria dos casos, concretamente em 62 %, o PB utiliza o pronome *você* para referir à segunda pessoa enquanto o PE usa a segunda pessoa do verbo sem pronome pleno (17). Além disso encontramos em 33 % das ocorrências sujeitos nulos nas duas traduções com o verbo na segunda pessoa no PE e na terceira pessoa do singular no PB, conforme exemplo ilustrado em (18).

(17) PE: \emptyset Caíste no caldeirão quando eras pequeno.

PB: **Você** caiu no caldeirão quando era pequeno.

(AST01-8:7a)

(18) PE: Que tal \emptyset achas o meu plano?

PB: Então, o que \emptyset acha do meu plano?

(AST01-10:7b)

A preferência pelo emprego do pronome na segunda pessoa do singular no PB pode ser explicada pelo enfraquecimento constatado da morfologia verbal na segunda pessoa do singular, revelando-se no uso da terceira pessoa em vez da segunda no PB. O pronome *você* é usado para desambiguar a forma na terceira pessoa que seria ambígua sem pronome sujeito.

Embora a segunda pessoa do plural seja também ambígua, podemos observar uma preferência pelo emprego de sujeitos nulos nas traduções das duas variedades. Concretamente em 67 % dos casos ambas as traduções dispõem de sujeitos nulos, conforme exemplo em (19) e só em 33 % das ocorrências o PB utiliza o pronome *vocês*, como mostrado em (20):

(19) PE: Então, \emptyset trazem morangos?
PB: Então \emptyset trouxeram os morangos? (AST01-33:3c)

(20) PE: \emptyset Enganaram-me, cães!
PB: Desgraçados! **Vocês** me enganaram! (AST01-39:4a)

Tabela 7. Comparação do emprego dos pronomes sujeitos plenos no PE e no PB na 2.^a pessoa (singular e plural)

Dados de	PE	PB
Duarte 1993	-	78 %
Duarte 2000	24 %	90 %
<i>Astérix</i>	4 %	39 %

A tabela 7 revela de novo um uso de pronomes sujeitos plenos relativamente pouco frequente no texto de *Astérix*, mas com um uso significativamente mais alto na tradução brasileira (39 %) do que na tradução europeia (4 %).

Na terceira pessoa, Duarte (1993, 2000) assim como Barbosa, Duarte e Kato (2005) constataam uma taxa de emprego menos elevada no PB, acompanhada de uma diferença menor entre o PE e o PB. Esses estudos revelam que o uso do pronome sujeito no PB varia entre 45 e 58%, diferentemente do que ocorre para o PE que varia entre 21 % e 22 %. O que encontramos no nosso *corpus* é que a maioria dos casos na terceira pessoa, 83 % no singular e 78 % no plural, corresponde à omissão do sujeito nas duas variedades. Veja exemplo em (21). Observamos também algumas ocorrências do emprego do pronome *ele* ou *eles* no PB enquanto o PE omite o pronome, concretamente 12 % dos casos no singular e 22 % no plural, como visto em (22).

(21) PE: \emptyset Recusam-se a dar-me a poção.
PB: \emptyset Não querem me dar poção! (AST01-10:7a)

(22) PE: \emptyset Deve estar na copa de um carvalho.
PB: **Ele** deve estar no topo de algum carvalho. (AST01-16:8a)

Se somarmos todas as ocorrências de pronomes sujeitos plenos e nulos na terceira pessoa, obtemos uma preferência clara de 75 % pelo uso de sujeitos nulos no PB e um uso de

sujeitos nulos quase exclusivo de 97 % no PE. Esta distribuição, portanto, não concorda com os dados até agora adquiridos, resumidos na tabela:

Tabela 8. Comparação do emprego dos pronomes sujeitos plenos no PE e no PB na 3.^a pessoa (singular e plural)

Dados de	PE	PB
Duarte 1993	-	45 %
Duarte 2000	21 %	58 %
Barbosa, Duarte, & Kato 2005	22 %	56 %
<i>Astérix</i>	3 %	25%

Como na segunda pessoa e ao contrário da primeira, constatamos uma clara diferença entre as duas traduções que pode ser explicada pelo emprego ambíguo da terceira pessoa morfossintática para referir à segunda e terceira pessoa semântica no PB. Em comparação com os dados de Duarte (1993, 2000) e Barbosa, Duarte e Kato (2005) nota-se que, como nas outras pessoas, o uso dos pronomes sujeitos é claramente menos frequente tanto na tradução em PE como na tradução brasileira do *Astérix*. Esta diferença em relação aos outros estudos citados poderia em parte estar relacionada com o tipo de texto das bandas desenhadas, no qual as imagens tornam supérfluos os pronomes expressos para efeitos de desambiguação.

O gráfico 2 resume o uso de pronomes sujeitos nulos e plenos segundo todas as pessoas semânticas nas traduções do *Astérix* em PE e PB:

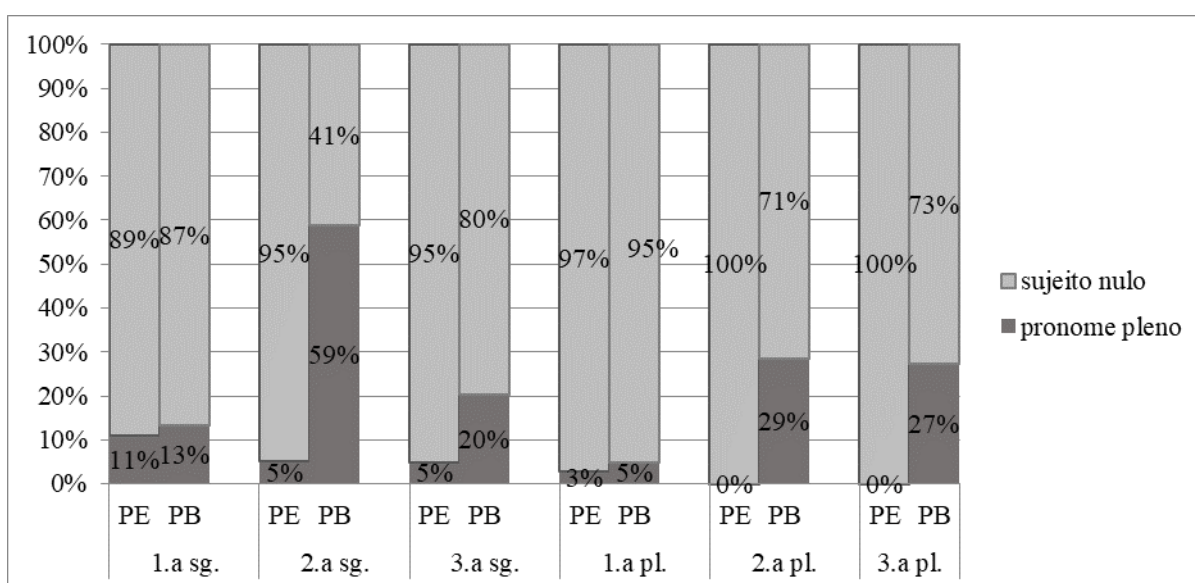


Gráfico 2. Distribuição de pronomes sujeitos nulos e plenos segundo as pessoas semânticas no PE e no PB

Em resumo, o emprego global relativamente baixo dos pronomes expressos chama a atenção. Na primeira pessoa do singular e do plural não observamos quase nenhuma diferença entre o PE e o PB. Detetamos uma diferença maior na segunda e na terceira pessoas. Somente na segunda pessoa do singular do PB o pronome pleno usa-se mais do que o sujeito nulo, a saber em 59 % dos casos. Esta distribuição parece confirmar a hipótese de que a frequência do uso dos pronomes sujeitos está relacionada com o enfraquecimento do paradigma flexional. Ao mesmo tempo, refuta-se a hipótese de Duarte & Figueiredo Silva (2016), segundo a qual o PB exige o preenchimento da posição de sujeito na primeira e na segunda pessoa. Mesmo que se constatem diferenças na frequência do uso dos pronomes sujeitos entre o PE e o PB, os dados não evidenciam de forma alguma um emprego obrigatório de pronomes expressos no PB.

4.3. Sujeitos nulos ligados pelo antecedente

Uma desvantagem das bandas desenhadas do *Astérix* como base textual consiste no emprego principal de orações curtas e simples. Como apenas ocorrem poucas frases complexas com orações subordinadas, não é possível verificar a variação do sujeito em relação à ligação por um antecedente.

4.4. Sujeitos nulos genéricos

Consoante a literatura sobre as línguas de sujeito nulo parciais, seria de esperar que, no PB ao contrário do PE, os sujeitos nulos genéricos fossem usados sem o pronome *se*. A análise das traduções de *Astérix* confirma que, em princípio, nas construções com interpretação genérica, o pronome *se* se usa mais no PE do que no PB. Todavia, não se observa nenhuma ocorrência de sujeito nulo genérico sem *se*. Na maioria dos casos em que o PE utiliza o pronome *se* para criar a interpretação genérica, o PB recorre a uma construção alternativa. Veja em (27) e (28):

- (27) PE: Não **se** faz!
 PB: Isso não está certo! (AST01-30:8c)
- (28) PE: [...] mas preciso de vários ingredientes que só **se** encontram na floresta...
 PB: [...] mas preciso de vários ingredientes que estão na floresta. (AST01-32:1d)

Encontramos somente um exemplo do emprego do pronome *se* com sujeito nulo genérico nas duas variedades. Observe os exemplos em (29):

(29) PE: É um segredo que **se** come?

PB: É um segredo que **se** come?

(AST01-17:11b)

No conjunto, não ocorre nenhum sujeito genérico nulo sem *se* nas traduções analisadas embora este tipo de ocorrência represente, segundo Holmberg, Nayudu, & Sheehan (2009, p. 60), a característica mais elucidativa das línguas de sujeito nulo parciais.

4.5. Sujeitos nulos expletivos

Tanto no PE como no PB seria de esperar só sujeitos nulos em construções impessoais. A verificação nas traduções de *Astérix* confirma esta expectativa. Não se observa o uso do pronome *ele* como pronome expletivo ou marcador discursivo numa construção impessoal. Em 51 % dos casos encontramos construções impessoais que não contêm um pronome sujeito nas duas variedades, como ilustrado no exemplo em (30):

(30) PE: \emptyset_{expl} Há um mistério qualquer na força desses gauleses!

PB: \emptyset_{expl} Há um mistério na força desses gauleses!

(AST01-9:2a)

É notável que nos 49 % restantes o PE utilize um sujeito nulo expletivo enquanto o PB o expressa de outra maneira, evitando a construção impessoal:

(31) PE: \emptyset_{expl} Parece que hoje estão mais moles, não achas?

PB: \emptyset_{ref} Estou achando os romanos um pouco moles hoje, você não?

(AST01-13:3)

Isso resulta num emprego de sujeitos nulos expletivos duas vezes mais frequente na tradução em PE em comparação com a tradução brasileira.

5. CONCLUSÕES

Neste artigo foram verificadas as supostas características específicas do PB em comparação com o PE em relação ao uso de pronomes sujeitos na base de um *corpus* consistindo em duas traduções da banda desenhada *Astérix le Gaulois*. Observamos que se confirma apenas parcialmente a hipótese segunda a qual o PB se comporta como uma língua de sujeito nulo parcial. Primeiro, o enfraquecimento da morfologia verbal só pode ser constatado na segunda pessoa do singular com a substituição de *tu* por *você*. Visto que na primeira pessoa do plural o emprego de *a gente* não se tenha generalizado e que também não estejam atestadas outras formas verbais de enfraquecimento morfológico, as duas variedades do português

distinguem--se menos do que a literatura prevê a respeito do paradigma flexional. Observamos uma distribuição semelhante em relação ao uso dos pronomes sujeitos expressos no PB, que de facto também não é significativamente mais frequente na primeira pessoa do que no PE. Embora se use no PB mais pronomes plenos na segunda e terceira pessoa em comparação com o PE, com uma taxa mais elevada na segunda pessoa do singular, as diferenças são menores do que constatadas pelos estudos anteriores. Para além de não haver uma diferença considerável na frequência do uso entre o PE e o PB, uma taxa geral do uso de pronomes sujeitos plenos muito baixa surpreende nas duas variedades. Em relação às possibilidades de sujeitos nulos (não) ligados por um antecedente, o texto analisado não oferece dados para verificar as supostas diferenças entre o PE e o PB. Outra característica, a da omissão do pronome *se* em combinação com um sujeito nulo genérico, considerada determinante para a classificação do PB como língua de sujeito nulo parcial, também não pôde ser confirmada na tradução analisada. No que diz respeito ao emprego de sujeitos nulos expletivos, a tradução brasileira não se distingue da tradução em PE e uma suposta mudança no PB não pode ser confirmada relativamente a esta característica.

É notável que o emprego dos pronomes sujeitos analisados neste texto paralelo difere dos resultados encontrados por outros autores (Duarte, 1993, 2000; Barne, 2001; Barbosa, Duarte, & Kato, 2005). Esta diferença poderia em parte estar relacionada com o tipo de texto (peças de teatro, a língua falada ou entrevistas de jornal versus bandas desenhadas). Outra explicação possível para os resultados divergentes reside no fato de se tratar de traduções. Não há indicação sobre qual o texto que a tradutora da versão brasileira usou como base da tradução. Dado que o PB se comporta mais como o PE e menos como o previsto por outros estudos, pensa-se que a tradutora utilizou o texto em PE como base ou, pelo menos, como apoio para a tradução. Isso explicaria as influências do PE no emprego dos pronomes sujeitos. Todavia, existem algumas diferenças cruciais entre ambas as traduções.

Em resumo, a hipótese segundo a qual o PB representa uma língua de sujeito nulo parcial não pôde ser confirmada com base no texto paralelo analisado porque o português da versão brasileira não cumpre todas as características.

6. TEXTO PARALELO ANALISADO

FR: Goscinny, R., & Uderzo, A. (1961). *Une aventure d'Asterix le gaulois*. Neuilly-sur-Seine: Dargaud.

PB: Goscinny, R., & Uderzo, A. (2010). *Asterix o gaulês*. 11.^a edição. São Paulo: Record. Tradução de Tânia Calmon.

PE: Goscinny, R., & Uderzo, A. (2011). *Astérix o gaulês*. 5.^a edição. Rio Tinto: Eigal. Tradução de Catherine Labey & Maria José Magalhães.

7. REFERÊNCIAS

- Baker, M. (1993). *Corpus linguistics and translation studies. Implications and applications*. In M. Baker, G. Francis, & E. Tognini-Bonelli (Eds.), *Text and Technology: In Honour of John Sinclair* (pp. 233-250). Amsterdam: Benjamins.
- Barbosa, P., Duarte, M. E. L., & Kato, M. A. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4, 11-52.
- Barme, S. (2001). *Der Subjektausdruck beim Verb in phonisch-nähesprachlichen Varietäten des europäischen Portugiesisch und Brasilianischen*. Frankfurt: Lang.
- Camacho, J. A. (2013). *Null Subjects*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carrilho, E. (2005). *Expletive ele in European Portuguese Dialects*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística Geral e Românica.
- Carrilho, E. (2009). Sobre o expletivo *ele* em português europeu. *Estudos de lingüística galega* 1, 7-26.
- Corr, A. (2015). Overt expletives in Ibero-Romance: a diachronic and diatopic perspective. *Revue roumaine de linguistique* 60, 205-222.
- Cunha, L. F. C., & Cintra, L. (2008). *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.^a edição. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Duarte, M. E. L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts, & M. A. Kato (Eds.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo* (pp. 107-128). 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp 1996.
- Duarte, M. E. L. (2000). The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato, & E. V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 17-36). Frankfurt: Vervuert.
- Duarte, I., & Figueiredo Silva, M. C. (2016). The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In W. L. Wetzels, J. Costa, & S. Menuzzi (Eds.), *The handbook of Portuguese linguistics* (pp. 17-36). Chichester: Wiley & Sons.
- Figueiredo Silva, M. C. (2000). Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato, & E. V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 127-146). Frankfurt: Vervuert.
- Haider, H. (2001). Parametrisierung in der Generativen Grammatik. In M. Haspelmath, E. König, W. Oesterreicher, & W. Raible (Eds.), *Language typology and language universals. an international handbook. Volume 1* (pp. 283-293). Berlin: de Gruyter.
- Hinzelin, M.-O., & Kaiser, G. A. (2007). El pronombre *ello* en el léxico del español dominicano. In: W. Mihatsch, & M. Sokol (Eds.), *Language contact and language change in the Caribbean and beyond / Lenguas en contacto y cambio lingüístico en el Caribe y más allá* (pp. 171-188). Frankfurt: Lang.
- Holmberg, A., Nayudu, A., & Sheehan, M. (2009). Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica* 63, 59-97.

- Holmberg, A. (2010). Null subject parameters. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan (Eds.), *Parametric variation: null subjects in minimalist theory* (pp. 88-125). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kaiser, G. A. (2006). Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. In T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro, & N. Almeida (Eds.), *Para a história do português brasileiro. Vol. 6: Novos dados, novas análises. Tomo 1* (pp. 11-42). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Kaiser, G. A. (2009). Losing the null subject. A contrastive study of (Brazilian) Portuguese and (Medieval) French. In G.A. Kaiser & E.-M. Remberger (Eds.), *Proceedings of the Workshop "Null-subjects, expletives, and locatives in Romance". Arbeitspapier 123* (pp. 131-156). Konstanz: Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz.
- Kaiser, G. A. (2015). Zur Verwendung von Bibelübersetzungen in der (romanistischen) Sprachwissenschaft. *Biblicum Jassyense* 6, 5-18.
- Kaiser, G. A., & de Alencar, L. F. (2019). Zwischen Aussprechen und Auslassen. Zur Verwendung der Subjektpronomina im brasilianischen Portugiesisch. In B. Meisnitzer, & E. Pustka (Eds.), *Zwischen Sprechen und Sprache / Entre fala e língua* (pp. 209-236). Frankfurt: Lang.
- Kato, M. A. (1999). Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus* 11, 1-37.
- Kato, M. A. (2000). The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato, & E. V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 223-258). Frankfurt: Vervuert.
- Kato, M. A. & Negrão, E. V. (Eds.) (2000). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuert.
- Lira, S. d. A. (1996). *The subject in Brazilian Portuguese*. New York: Lang.
- Lobo, M. (2013). Sujeito nulo: Sintaxe e interpretação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. d. Nascimento, M. A. C. d. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português, Vol. II* (pp. 2309-2338). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lobo, M., & Martins, A. M. (2017). Subjects. In A. Dufter, & E. Stark (Eds.), *Manual of Romance morphosyntax and syntax* (pp. 27-88). Berlin: De Gruyter.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Meyer-Hermann, R. (1998). Utilização e colocação dos pronomes pessoais no português falado do Brasil: indicações duma mudança tipológica em progresso? In S. Große, & K. Zimmermann (Eds.), *«Substandard» e mudança no português do Brasil* (pp. 203-225). Frankfurt: Ferrer de Mesquita (TFM).
- McEnery, T., & Xiao, Z. (2007). Parallel and comparable corpora. The state of play. In Y. Kawaguchi, T. Takagaki, N. Tomimori, & Y. Tsuruga (Eds.), *Corpus-based perspectives in linguistics* (pp. 131-145). Amsterdam: Benjamins.
- Pereira, D. C. (2009). Uma análise funcionalista e cognitivista da variação no uso dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo. *Estudos linguísticos* 38, 115-125.^[1]_[SEP]
- Pöll, B. (2015). Caribbean Spanish = Brazilian Portuguese? Some comparative thoughts on the loss of pro-drop. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics* 8, 317-354.

- Schwarz, A. (2004). Sprachwissenschaftliche Aspekte der Übersetzung von Comics. In H. Kittel, A. P. Frank, N. Greiner et al. (Eds.), *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An international encyclopaedia of translation studies. Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction. 1. Teilband / Volume 1 / Tome 1* (pp. 676-683). Berlin: de Gruyter.
- Stolz, T. (2007). Harry Potter meets Le petit prince – On the usefulness of parallel *corpora* in crosslinguistic investigations. *Sprachtypologie und Universalienforschung* 60, 100-117.
- Tarallo, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In I. Roberts, & M. A. Kato (Eds.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo* (pp. 69-105). Campinas: Editora da Unicamp.
- Thielemann, W. (2009). Alteração e fragilidade dos sistemas pronominais no português brasileiro (PB): reflexões e constatações, confusões e implicações didáticas. In E. Gärtner, & A. Schönberger (Eds.), *Estudos sobre o português brasileiro* (pp. 173-191). Frankfurt: Valentia.
- Veenstra, T. (2008). Syntax pur: Expletiva im Papiamentu. In E.-M. Remberger, & G. Mensching (Eds.), *Romanistische Syntax – minimalistisch* (pp. 61-82). Tübingen: Narr.
- Wälchli, B. (2007). Advantages and disadvantages of using parallel texts in typological investigations. *Sprachtypologie und Universalienforschung* 60, 118-134.